

Há na psicose relação privilegiada com o saber?¹

Priscila Pesqueira de Souza

Resumo

No *Seminário 6*, Lacan nos ensina que a ignorância está na base da constituição do sujeito. É suporte essencial para o neurótico em sua relação com a castração. A pergunta deste trabalho é: há na psicose relação privilegiada com o saber? Ou ainda: há paixão pela ignorância na psicose? Para responder a essa pergunta, além de Freud e Lacan, nós nos serviremos de Julieta de Battista, com sua tese de que há desejo na psicose. Com Colette Soler, abordaremos o conceito de narcisismo do desejo e escabelo. Maria Anita Carneiro Ribeiro nos brindará com sua ideia de que a ignorância está na estrutura psíquica de todo ser humano. Para exemplificação, traremos duas vinhetas clínicas.

Palavras-chave:

Ignorância; Desejo; Psicose; Escabelo.

Is there a privileged relationship between psychosis and knowledge?

Abstract

In *Seminar 6*, Lacan teaches us that ignorance is at the base of the constitution of the subject. It is essential support for the neurotic in his relationship with castration. The question of this work is: is there a privileged relationship between psychosis and knowledge? Or again: is there a passion for ignorance in psychosis? To answer this question, in addition to Freud and Lacan, we will use Juliet de Battista, with her thesis that there is desire in psychosis. With Colette Soler, we will approach the concept of narcissism of desire and escabeau. Maria Anita Carneiro Ribeiro will offer us her idea that ignorance is in the psychic structure of every human being. For example, we will bring two clinical vignettes.

Keywords:

Ignorance; Desire; Psychosis; Escabeau.

¹ Trabalho apresentado no XXII Encontro Nacional da EPFCL-Brasil.

¿Existe una relación privilegiada con el saber en la psicosis?

Resumen

En el *Seminario 6*, Lacan nos enseña que la ignorancia está en la base de la constitución del sujeto. Es un apoyo esencial para el neurótico en su relación con la castración. La pregunta de este trabajo es: ¿existe una relación privilegiada con el saber en la psicosis? O también: ¿hay pasión por la ignorancia en la psicosis? Para responder a esta pregunta, además de Freud y Lacan, utilizaremos a Julieta de Battista, con su tesis de que hay deseo en la psicosis. Con Colette Soler, abordaremos el concepto de narcisismo del deseo y escabeau. Maria Anita Carneiro Ribeiro nos ofrecerá su idea de que la ignorancia está en la estructura psíquica de todo ser humano. Por ejemplo, traeremos dos viñetas clínicas.

Palabras clave:

Ignorância; Deseo; Psicoses; Escabeau.

Y a-t-il un rapport privilégié au savoir dans la psychose ?

Résumé

Dans le *Séminaire 6*, Lacan nous enseigne que l'ignorance est à la base de la constitution du sujet. C'est un soutien essentiel pour le névrosé dans son rapport à la castration. La question de ce travail est : y a-t-il un rapport privilégié au savoir dans la psychose ? Ou encore : y a-t-il une passion pour l'ignorance dans la psychose ? Pour répondre à cette question, outre Freud et Lacan, nous utiliserons Juliette de Battista, avec sa thèse qu'il y a du désir dans la psychose. Avec Colette Soler, nous aborderons la notion de narcissisme du désir et d'escabeau. Maria Anita Carneiro Ribeiro nous offrira son idée que l'ignorance est dans la structure psychique de chaque être humain. Par exemple, nous apporterons deux vignettes cliniques.

Mots-clés :

Ignorance ; Désir ; Psychose ; Escabeau.

No *Seminário 6: o desejo e sua interpretação*, Lacan nos ensina que a ignorância está na base da constituição do sujeito. Está aí como suporte essencial para o neurótico em sua relação com a castração, com o horror. É como um véu, que tem uma função de segurança, segundo Lacan (1958/2016), para o sujeito que fala. Retomando o grafo do desejo, o autor ressalta:

O *ele não sabia* eu o coloco na linha de baixo, na medida em que está relacionado essencialmente com a dimensão de constituição do sujeito. Com efeito, é sobre um *ele não sabia* inútil que o sujeito tem de se situar e é precisamente aí que ele mesmo tem de se constituir como não sabendo, pois é o único ponto de saída que lhe é dado para que o que é não dito ganhe efetivamente alcance de não-dito. (Lacan, 1958/2016, pp. 104-105)

Na análise que faz do sonho do pai morto, apresentado por Freud pela primeira vez em 1911, no texto “Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico”, Lacan coloca ênfase nesta frase do sonho: *Ele não sabia*. O sonhador é um paciente de Freud enlutado pela morte do pai, o qual viu agonizar. Nesse sonho repetitivo, o filho conversava com pai, como de costume, mas o pai estava morto, só que não sabia. Um sonho penoso para o sonhador. Na análise cuidadosa e detalhada que Lacan faz desse sonho, assinala a ignorância fundamental do sujeito:

Mas há algo que ele não pode ver de jeito nenhum, no ponto em que está. É que a dor de seu pai, ele a assume sem saber. E é também que a ignorância que ele põe diante de si, no personagem do pai, no objeto, sob a forma de *Ele não sabia*, é absolutamente necessário que ele a mantenha para não saber que mais vale não ter nascido. Se não há nada no termo final da existência além da dor de existir, melhor assumindo como sendo do outro que ali está (...). (Lacan, 1958/2016, p. 108)

Referindo-se ao recalque, a fala de Lacan (1958/2016, p. 109) é a seguinte: “(...) a *Verdrängung* repousa toda ela na problemática do apagamento do sujeito, que no caso é sua salvação, nesse ponto derradeiro em que o sujeito está fadado a uma derradeira ignorância”. Para a neurose, há, portanto, essa ignorância fundamental, que ao mesmo tempo salva o sujeito e o condena a um não saber que é preciso vencer na análise, até o limite. Quinet (2009) retoma uma expressão de Lacan em *R.S.I.*, “*laiusar*”, para reforçar que na análise de um neurótico trata-se de gastar o pai e ao mesmo tempo servir-se dele. Essa é a direção ética de uma análise. No *Seminário 11*, Lacan (1964/1985, p. 47) ressalta: “O real suporta a fantasia, e a

fantasia protege o real.” A mentira da fantasia protege o sujeito de topar-se com a castração a olhos nus.

Isso posto, a pergunta deste trabalho é: a ausência do recalque na psicose coloca o sujeito psicótico em uma relação privilegiada com o saber? Ou ainda: há paixão pela ignorância na psicose?

O mecanismo que o sujeito psicótico tem não é o recalque, mas a forclusão, nas palavras de Lacan. A forclusão, na contramão do recalque, não dá suporte para a criação da fantasia fundamental e tampouco auxilia o sujeito a colocar um véu entre si e o horror da inexistência da relação sexual. Sem o suporte fálico, propiciado pelo significante do Nome-do-pai, o sujeito psicótico está à deriva. Julieta (Battista, 2020, p. 169) ressalta: “a recusa do inconsciente gera efeitos de mortificação, pois o que definitivamente se recusa é o efeito de perda de gozo que a linguagem introduz e que, paradoxalmente, tem efeitos de vivificação”. Ainda segundo a autora supracitada, “se esse efeito de perda fundacional é recusado, se se recusa a castração real que produz a linguagem, o retorno no real do recusado é aniquilante” (Battista, 2020, p. 169).

Retomando Freud, Julieta aponta que a fórmula da persecutoriedade, para Freud, é projetar no Outro aquilo que se rejeita ver em si mesmo: “A relação, então, é mais uma tentativa de desconhecimento já que, para eles, o inconsciente não é um saber não sabido: conhecem seu inconsciente e tentam desconhecê-lo por uma espécie de deslocamento defensivo do investimento do próprio e do alheio” (Battista, 2020, p. 187).

Maria Anita (Ribeiro, 2022a, 2022b) oferece uma contribuição importante no que se refere ao saber do ser falante: o mental é débil. Isso significa que o inalcançável é próprio de quem é humano, padecemos disso. Na psicose, não se verifica um conhecimento sobre *Das ding*; o que se encontra é um sofrimento atroz, por se defrontar com o incognoscível sem os recursos do recalque, sem os recursos simbólicos que o recalque nos dá para o insuportável de ser humano.

Mesmo sem os recursos do recalque, não podemos afirmar que o psicótico não tenha nenhum recurso. Julieta de Battista (2020), por exemplo, afirma que há desejo nas psicoses. Ela fundamenta sua tese com Freud e Lacan: “O desejo inconsciente — o indomado, o indestrutível, o demoníaco — é também por isso o núcleo de nosso ser (...) o desejo nos irriga, nos inerva, inclui essa dimensão vital” (Battista, 2020, p. 180). E ainda: “O desejo introduz a dimensão do contorno que adia o curto-circuito da morte, e o faz pela via de uma falta que impulsiona um trabalho e introduz um esforço, uma tensão e uma reanimação” (Battista, 2020, p. 180).

Julieta (Battista, 2020, p. 190) ressalta que “a relação do desejo do sujeito com o desejo do Outro não é uma estrutura reservada unicamente à neurose”. No psicótico, há a recusa à metáfora paterna e, por conseguinte, ao falo como significante organizador da estrutura,

(...) mas a ausência da metáfora não condiciona a presença do desejo, cujo suporte não é a metáfora, e sim a metonímia. Isso pode ser deduzido da relação de precedência da metonímia no que se refere à metáfora (...). Diante do fato de não haver enodamento edípico dos registros no caso da psicose, há um desejo não simbolizado pela metáfora paterna (...) dimensão que caracteriza a posição do psicótico enquanto recusa da impostura paterna. O desejo do psicótico não estaria chancelado pelo consentimento do pai. (Batistta, 2020, p. 192)

De acordo com Colette Soler (2021, p. 237), diferentemente da neurose, “(...) a estrutura analítica da psicose permanece do lado do incerto”. Entretanto, no mesmo sentido de Julieta de Battista, Soler também fala de desejo na psicose. Ao abordar o tema do narcisismo, ela afirma que “o narcisismo não caminha sem outro” (Soler, 2021, p. 46), ou seja, no narcisismo já está posto de saída o laço social. Também desenvolve que o estádio no espelho é primeiro, “anterior à entrada do sujeito ‘no real’, a qual supõe a demanda” (Soler, 2021, p. 47). A autora fala também de um narcisismo do desejo:

Disse que o narcisismo é amor, mas aqui é preciso acrescentar esse outro narcisismo do desejo, que é um narcisismo do sujeito, não do ego, ele engaja as pulsões até onde o desejo é seu veículo. Aqui é necessário redefinir o narcisismo, que, mais que amor-próprio, é afirmação de si. (Soler, 2021, p. 60)

E ainda:

A definição de narcisismo do desejo pode ser expandida. Ele consiste em se identificar com aquilo que lhe impulsiona na vida sem que você saiba bem o que está lhe impulsionando, este é o desejo (...). Pois manter-se firme em seu ser de desejo, tão opaco e até mesmo desviante, qual seja, é o narcisismo do desejo em sua fórmula mais geral. (Soler, 2021, p. 62)

Sobre o “narcisismo do escabelo”, aponta que Freud o chamou de sublimação. Lacan unifica narcisismo e sublimação no conceito de escabelo. “E o escabelo é o instrumento para fazer uma identidade para si” (Soler, 2021, p. 86). Pois bem, a tese do livro de Soler é a de que todo ser humano tem seu escabelo. Sobre a melancolia, diz: “(...) o sujeito grita bem alto que não vale nada, mas tão forte que ninguém é páreo para ele nesse aspecto. Megalomania da pequenez. Ele su-maniza por sua nulidade inegável” (Soler, 2021, p. 92). Referindo-se a um “pânico identitário que suspende todas as amarras da libido ao significante” (Soler, 2021, p. 242), ela continua: “Isso nos levaria imediatamente à ideia de que os psicóticos

são naturalmente inválidos do escabelo, que lhes falta a mola propulsora fálica das lutas pela vida” (Soler, 2021, p. 242). Porém, continua: “Desde o início Lacan se insurgiu contra essa ideia do psicótico com déficit de desejo” (Soler, 2021, p. 242). Soler correlaciona o escabelo com o narcisismo, a sublimação, a entrada na linguagem e o desejo. E isso para todo ser humano.

Duas vinhetas clínicas. Maurício chega há seis anos com a queixa de zumbido no ouvido, desde que a namorada de adolescência propôs um *ménage*. A relação que Maurício tem com o corpo é de uma ordem diferente da relação de um neurótico. Quando se sentia perdido, sem sentir nada, costumava sair para caminhar. Caminhava muito, feria os pés e continuava. À noite, come demais, já que só consegue dormir no desconforto. Há uma cena que lhe causa horror: aos seis anos, um colega de escola desrespeita a regra de rodízio da brincadeira. Ele dá um chute no colega e quebra a perna dele. Desde então, tem medo de se relacionar com as pessoas. Sua queixa principal é de que nunca foi ouvido. Queria ter sido amado pelos pais. Para descrever sua condição psíquica, afirma: “é como um corpo queimado recebendo estímulos o tempo todo”. Aos oito anos, viaja com o pai para uma praia. O pai tem um compromisso, Maurício pede para ir à praia, o pai, ironizando, diz: “sim, é bem possível uma criança ir para a praia sozinho”. Enquanto o pai se arruma, Maurício vai à praia, interpretando no literal as palavras do pai. Quando os pais se separam, esquece-se do nome do pai. Considera-se superdotado, o que explica a dificuldade nos relacionamentos: ele entende rápido demais as coisas, pensa de um jeito que as pessoas não entendem, e isso as irrita. Há um tempo atrás, disse: “o que eu quero são direitos humanos. Eu quero ser ouvido”. Diz à analista, depois de anos de análise: “desde que nasci, é a primeira vez que sinto que sou um ser humano, que sinto que dá para viver”. Maurício escreve coisas belíssimas. Atualmente, está em um projeto de organizar seus escritos.

Eduardo é um caso recente. Diagnosticado como Asperger, sua queixa é uma dor psíquica que não o abandona desde a infância. Atualmente com 18 anos, chora e ri enquanto me conta do *bulling* sofrido. Antes disso, era uma criança feliz, chegava para os colegas e dizia: “eu sou o Dudu, quer ser meu amigo?” Quando trocou de escola, tinha outro Eduardo na mesma sala. Para diferenciar os dois, ele ficou sendo o Eduardo, e o outro, o Dudu. Então, não sabia mais quem era. Eduardo tem alergia respiratória, o que afastava os colegas do menino “catarrento”. Nas sessões, limpa compulsoriamente o nariz enquanto chora. Tem horror de ser um incômodo para as pessoas, quer ser útil. É seu morfo (neologismo que diz respeito a algo que criamos para viver). Se se afasta do morfo, desestabiliza-se. Precisa passar no vestibular, para ter uma empresa e poder ajudar os amigos que passam dificuldades. É homossexual, mas nunca se relacionou fisicamente com ninguém, seu namoro é *online*. A experiência de corpo que tem é com a mãe: “eu dou massagem na mainha e ela lava a louça”.

Escrever um livro, para Maurício, para ser ouvido, e ter uma empresa, para Eduardo, para ser útil, seriam tentativas de construção de um escabelo? Seriam figuras, ainda que particulares, da estrutura psicótica, de alguma coisa do desejo? Acredito que sim. A ausência do recalque na psicose não coloca o sujeito na paixão pela ignorância nos mesmos termos da neurose. O que não é uma vantagem para o sujeito psicótico, que precisa construir um anteparo, uma amarração, ainda que frágil, para suportar a dor de existir.

Referências bibliográficas

- Batistta, J. de (2020). *O desejo na psicose*. São Paulo: Larvatus Prodeu.
- Freud, S. (1911). Formulations sobre los dos principios del acaecer psíquico. In S. Freud. *Obras completas* (Vol. 12, pp. 217-231). Buenos Aires: Amorrortu.
- Lacan, J. (1985). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1964)
- Lacan, J. (2016). *O seminário, livro 6: o desejo e sua interpretação*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1957-1958)
- Lacan, J. (2022). *R.S.I.* São Paulo: FCL-SP.
- Quinet, A. (2009). Tempo de laiusar. *Stylus: Revista de Psicanálise*, (18), 25-32.
- Ribeiro, M. A. C. (2022a). *O inconsciente é a política*. YouTube, 11 jul. 2022. Recuperado em 11 de setembro, 2022, de https://www.youtube.com/watch?v=1_EWuVEnkWs&t=3543s
- Ribeiro, M. A. C. (2022b). *Prelúdio 12: a debilidade mental*. Recuperado em 11 de setembro, 2022, de <https://www.campolacanianano.com.br/preludios-2022>
- Soler, C. (2021). *Um outro Narciso: seminário 2016/2017*. São Paulo: Aller.

Recebido: 01/03/2022

Aprovado: 15/03/2022